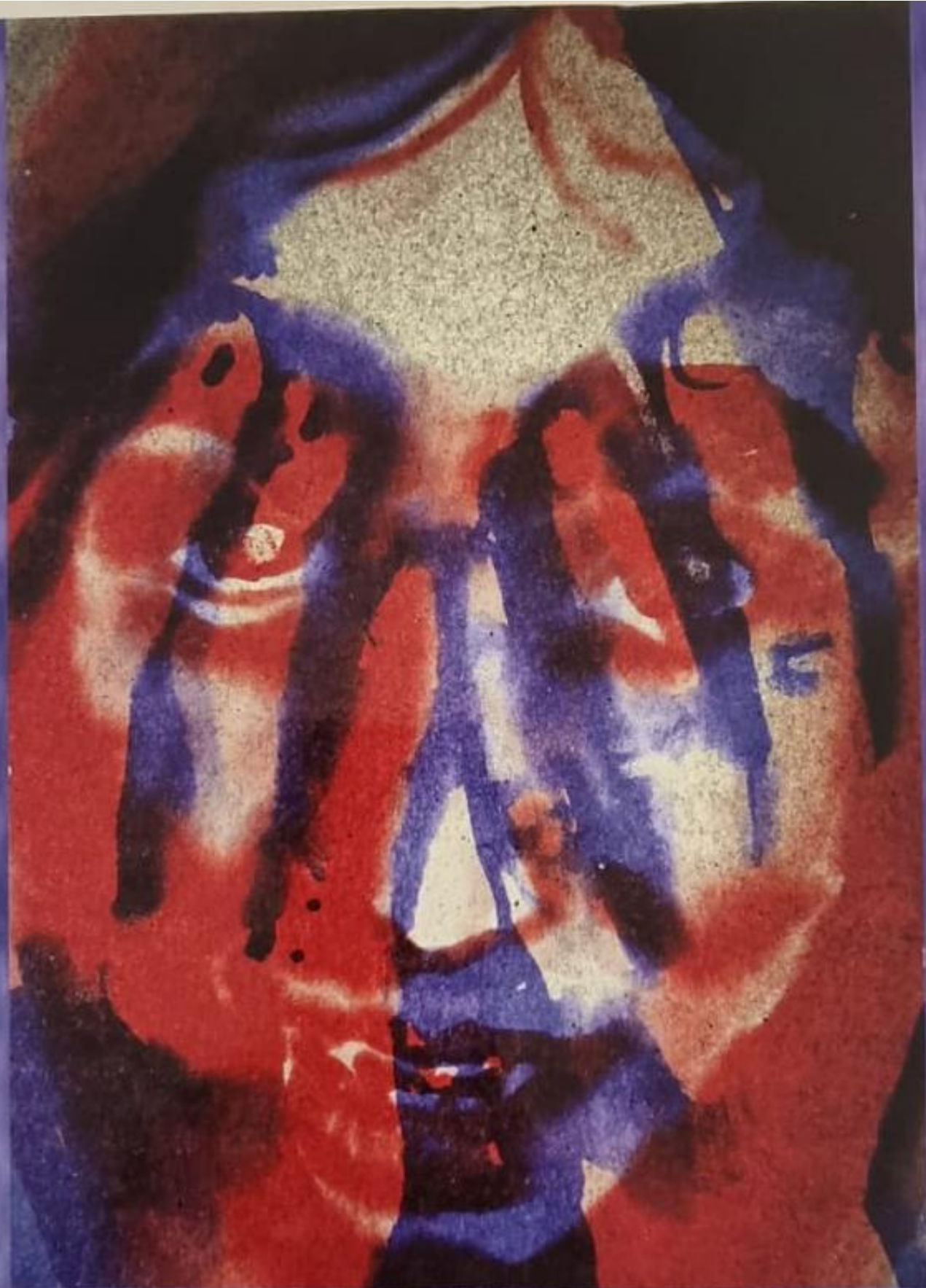



.

LOPEZ GALLUCCI, Natacha Muriel. “Marcel Proust Com Sigmund Freud: tremores epistêmicos e pontos de contato”. In: GALVAN, Galvão. (Org.). **Antígona 18**. 1ed. Maceió: Edufal, 2025, p. 129-158. ISBN 978-65-5624-459-4



ANTÍGONA 18

 **Edufal**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Diretor da Edufal

Eraldo de Souza Ferraz

CONSELHO EDITORIAL DA EDUFAL

Eraldo de Souza Ferraz – Presidente

Diva Souza Lessa – Gerente

Fernanda Lins de Lima – Coordenação Editorial

Mauricélia Batista Ramos de Farias - Secretária Geral

Roselito de Oliveira Santos - Bibliotecário

Alex Souza Oliveira

Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

Cristiane Cyrino Estevão

Elias André da Silva

Felipe Ernesto Barros

José Ivamilson Silva Barbalho

José Márcio de Moraes Oliveira

Juliana Roberta Theodoro de Lima

Júlio Cezar Gaudêncio da Silva

Mário Jorge Jucá

Muller Ribeiro Andrade

Rafael André de Barros

Silvia Beatriz Beger Uchôa

Tobias Maia de Albuquerque Mariz

CONSELHO CIENTÍFICO DA EDUFAL

César Picón – Cátedra Latino-Americana e Caribenha (UNAE)

Gian Carlo de Melo Silva – Universidade Federal de Alagoas (Ufal)

José Ignacio Cruz Orozco – Universidade de Valência - Espanha

Juan Manuel Fernández Soria – Universidade de Valência - Espanha

Junot Cornélio Matos – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Nanci Helena Rebouças Franco – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Patricia Delgado Granados – Universidade de Servilha-Espanha

Paulo Manuel Teixeira Marinho – Universidade do Porto - Portugal

Wilfredo Garcia Felipe – Universidad Nacional de Educación (UNAE)

Núcleo de Conteúdo Editorial

Fernanda Lins de Lima – Coordenação

Roselito de Oliveira Santos – Registros e catalogação

Capa e Diagramação: Ed Vasconcelos

Imagem da Capa: Paulo Leonardo Fialho

Revisão de língua portuguesa

e Normalização (ABNT): Arthur Gouvêa Moreira Lira

Supervisão gráfica: Márcio Roberto Vieira de Melo

Catalogação na fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

Núcleo Editorial

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva – CRB-4/2063

A629

Antígona 18 : Toro – Escola de Psicanálise / [Comissão editorial]: Arary

Galvão ... [et al.]. – Maceió, AL: Edufal, 2025.

271 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5624-459-4.

1. Psicanálise. 2. Interlocução. 3. Diálogo. I. Galvão, Arary, ed.

CDU: 159.964.2

Direitos desta edição reservados à
Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas
Centro de Interesse Comunitário (CIC)

Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões
Cidade Universitária, Maceió/AL Cep: 57072-970

Contatos: www.edufal.com.br | contato@edufal.com.br | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada:



SUMÁRIO

Homenagem a Jacques Laberge, 7

Editorial, 11

I – Psicanálise

Arary Galvão – O DIVINO EROS, 21

Eduardo Henrique da Silva Araújo – DO A POSTERIORI À ASSERTÃO DA LÓGICA ANTECIPADA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO E FIM DE ANÁLISE, 27

Emily Carvalho – FREUD, LACAN E A GUERRA: O MAL-ESTAR RADICAL DA CONDIÇÃO HUMANA, 35

Juliana Aragão Francelino – TRANSEXUALIDADE E A CLÍNICA DO REAL, 43

Lara Mafra de Mendonça Melo – LACAN: O TRILHO CIENTÍFICO DA INVENÇÃO FREUDIANA, 53

Luciano Accioly Lemos Moreira – DA ALIENAÇÃO DO TRABALHO À ALIENAÇÃO AO OUTRO: DE MARX A LACAN, UM DIÁLOGO POSSÍVEL?, 65

Maria Carolina de Araújo Marques – UM PERCURSO SOBRE O OBJETO A, 83

Maria Virgínia Borges Amaral – SOBRE A PSICANÁLISE E A “MÁQUINA QUE PENSA”, 91

Mariana Guedes Raggi – O APARELHO PSÍQUICO NA CONSTITUIÇÃO DA PRIMEIRA TÓPICA DE SIGMUND FREUD, 111

Marília Mafra – A PULSÃO E O SEXO, 117

Natacha Muriel López Gallucci – MARCEL PROUST COM SIGMUND FREUD: TREMORES EPISTÊMICOS E PONTOS DE CONTATO, 129

Paula Quintella – EFEITOS DA TRANSFERÊNCIA: O LUGAR DO ANALISTA E A POSIÇÃO DO SUJEITO, 159

Pedro Lima Vasconcellos – UMA CARTA ROUBADA: "NENHUM OLHO HUMANO A VERÁ", 167

Taciana de Melo Mafra Vasconcellos – O ATO PSICANALÍTICO: PASSAGEM A OUTRA POLÍTICA DE GOZO, 177

Vânia Fialho – DE UM SEMBLANTE, 193

Yan de Medeiros Pavanelli – POR ENTRE ESPELHOS E NARCISISMOS, 201

II – Interlocução

Ênio José da Costa Brito – DESAFIOS E PROPOSTAS PARA A GESTAÇÃO DA ECOLOGIA DECOLONIAL, 211

Luciano Elia – A CONSTRUÇÃO DA TEORIA SEXUAL EM FREUD E SUAS IMPLICAÇÕES COM O FEMININO, 231

Numa Ciro – QUANDO A DIFERENÇA SE TRANSFORMA EM DESIGUALDADE?, 245

Nympha Amaral – ADOLESCÊNCIA E DESISTÊNCIA: O QUE ESTÁ HAVENDO COM OS SUJEITOS ADOLESCENTES NO SÉCULO XXI?, 257

MARCEL PROUST COM SIGMUND FREUD: TREMORES EPISTÊMICOS E PONTOS DE CONTATO¹

Natacha Muriel López Gallucci²

1. A doença nervosa e seu círculo de interesse

Marcel Proust escreve *À la recherche du temps perdu* entre 1908 e 1922, ano de sua morte.³ Trata-se de um extenso romance publicado em sete volumes, dos quais os últimos três foram lançados *post mortem*: *A prisioneira*, em 1925, *Albertina desaparecida* e *O tempo reencontrado*, em 1927. Sua obra, como o mostra a fortuna crítica, constitui-se como uma referência de primeira ordem para a literatura, as ciências humanas e a psicanálise; permite-nos apreender a redefinição de “memória” e de “sujeito” em um diálogo crítico e instigante com

seu contexto histórico, na virada do século XIX para o XX. Encontramos em Proust uma nova perspectiva desse momento extremamente particular da Europa em que, segundo afirma Michel Foucault em *O nascimento da clínica* (1987), se estabelece uma especial relação entre corpo e doença nervosa; tornando-se possível, portanto, abordar as relações do conflito humano como algo psicológico, relevando a hegemonia do discurso da anatomia patológica que regeu fortemente o século XIX.

Marcel Proust nos conduz para um atravessamento-chave no interior da *Recherche* na retomada de inúmeras ideias cultivadas pela

¹ Neste artigo reelaboramos de maneira didática e sob nova perspectiva alguns elementos de nossa pesquisa de doutorado (López Gallucci, 2008).

² PEF do Toro – Escola de Psicanálise. Professora da Universidade Federal de Alagoas: natacha.gallucci@ichca.ufal.br.

³ Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust pertenceu a uma geração posterior à do pai da psicanálise Sigmund Freud; nasceu em 10 de julho de 1871 em Neuilly-Auteuil-Passy, perto do Parque Bois de Boulogne, e faleceu prematuramente de bronquite em Paris, em 18 de novembro de 1922.

psicologia francesa experimental e, como observaremos, pela aproximação da teoria psicanalítica freudiana. O ritornelo sobre o *leitmotiv* da doença nervosa e, fundamentalmente, sobre certos casos de sugestão hipnótica espontânea, asma e afasia, delineia um círculo de interesse em que salientam as doenças da linguagem, a memória involuntária e a associação livre.

Uma imensidão de temas é abordada pelo narrador proustiano nas quase três mil páginas da *Recherche*. Desde as relações afetivas e as transformações sociais do fim da *Belle Époque*, até a crise estética vivenciada na Europa perante a Primeira Grande Guerra e as Vanguardas; e fundamentalmente, temas de psicologia, como o afeto, os traumas e, fundamentalmente, o inconsciente. Em *O tempo reencontrado* – último dos sete volumes do romance – ele nomeou e comparou o inconsciente como um lago ignorado ou desconhecido [*lac inconnu*] onde vivem as expressões sem relação com o pensamento, e que por isso mesmo o revelam.

A ficção proustiana, nesse traço *bricoleur* que caracteriza a passagem da literatura do século XIX para a contemporânea, responde a um discurso plural que contém muitos outros discursos e, como afirmava Sigmund Freud sobre as artes, às vezes,

os antecipa. Procuramos questionar neste artigo o que emerge da leitura de Proust com Freud sem uma fetichização da comparação; o que produz o acontecimento desta leitura – para além da literatura crítica que buscou estabelecer analogias entre os temas proustianos e a psicanálise freudiana –, nesse círculo de interesse maior, ligando as ideias da *Recherche* também às descobertas da psicologia experimental na Europa; considerando que esse aparelho conceitual foi por muito tempo descuidado, tanto pela crítica literária quanto pela própria história da psicanálise no século XX (Roudinesco e Plon, 1998, p. 375ss).

Neste sentido, a doença nervosa é referência centrífuga que leva para o interior do texto ficcional da *Recherche* questões científicas, ideológicas, estéticas, sociais, psicológicas e metafísicas. Torna-se possível, então, realizar uma inversão no processo de abordagem da *Recherche*: longe de uma comparação *pari passu* entre aspectos da obra proustiana, ferramentas da psicologia experimental e a psicanálise freudiana, procuramos sublinhar algumas contribuições proustianas desde a especificidade formal do romance à teoria do sujeito⁴, observando os movimentos que iriam gestar sem prévio saber, o campo dos achados da psicologia

⁴ Para não perder de vista o verdadeiro sentido da subversão à qual são submetidos os conceitos de memória e de linguagem nessas teorias ou criações literárias, a retomada não deve expressar apenas um exercício comparativo que pode esvaziar de sentido cada campo discursivo.

experimental e, em um desnível crucial, a descoberta do inconsciente freudiano.⁵ Chegamos assim a nos questionarmos sobre as inúmeras resistências epistêmicas produzidas pelos ecos da teoria freudiana em *status nascendi* nesse momento histórico e como se materializam os enunciados sobre o *inconsciente* em ambos os autores. Mesmo que, sob uma suposta semelhança, o conceito de inconsciente guarde inúmeras diferenças, assim como o sentido da “divisão do sujeito” e da “memória involuntária”.

Sigmund Freud desenvolveu durante sua formação uma ampla pesquisa em neurologia em Viena e Trieste; mas, após sua viagem a Paris, envolveu-se cada vez mais com a clínica e a psicologia. O meio ao qual se integrou durante sua estada na França e era liderado por Jean-Martin Charcot (o mestre que, reconhecia, abalou todas as suas teorias); ambiente frequentado também pelos médicos e psicólogos da

Escola francesa experimental à qual estava ligado o pai de Marcel Proust (Tadié, 1971, p. 55).

O higienista Dr. Adrien Proust⁶ não chegou a conhecer a letra dos trabalhos de Sigmund Freud publicados nos arquivos de neurologia de Jean-Martin Charcot a partir de 1893. Ou, pelo menos, não conhecia Freud nos anos 1890, quando foi convidado por Paul Janet, tio de Pierre Janet, a falar sobre um *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique* (Proust, 1890).⁷

Marcel Proust, após as mortes do seu pai (1903) e sua mãe (1906), mergulhou profundamente em leituras sobre doenças nervosas e sobre teorias que promoviam novos métodos de cura por isolamento; todavia, ele nunca teve acesso direto às ideias psicanalíticas de Freud (Tadié, 2017).⁸

Na *Recherche* proustiana encontramos inúmeras vezes a palavra inconsciente (motivo de muitas

⁵ Para não perder de vista o verdadeiro sentido da subversão à qual são submetidos os conceitos de memória e de linguagem nessas teorias ou criações literárias, a retomada não deve expressar apenas um exercício comparativo que pode esvaziar de sentido cada campo discursivo.

⁶ O pai de Marcel, Adrien Proust, pertencia a uma família católica e foi reconhecido como médico e sanitarista em toda a França, por seus trabalhos sobre clínica médica e pela criação do cordão preventivo da cólera (Tadié 1987, p. 55).

⁷ A apresentação de Adrien Proust foi objeto de um artigo de Henri de Parville intitulado *Mouvement Scientifique* 16/02/1890 [109-110], em que o autor compara o caso apresentado por A. Proust, “Emile X”, com o de um *dormeur éveillé*.

⁸ Ao retomar os conceitos freudianos de percepção, memória e linguagem, o intuito foi mostrar o lugar que esses conceitos ocupavam nos seus primeiros textos, fundamentais para a postulação efetiva do aparelho psíquico e do inconsciente dentro de sua teoria psicanalítica. O *Ensaio crítico das afasias*, a *Carta 52 a Fliess* e o *Projeto para uma psicologia científica* compõem um corpus que remete a uma experiência absolutamente nova de análise psíquica. Nesses trabalhos Freud expõe suas ideias sobre a estratificação da memória, criando diversos modelos que não se recobrem (e que se desdobrarão ainda mais em textos posteriores), abordando o problema da palavra e das coisas, da energia psíquica, das falhas na linguagem e dos rastros de memória, sobre os quais se ergue o andaime de sua teoria do inconsciente.

confusões), assim como a ideia de que o narrador persegue um "objeto perdido" (Bizub, 2006, p. 85). Mas, se há um verdadeiro interesse comum entre a psicologia experimental, as ideias da *Recherche* e a teoria freudiana, talvez ele remeta ainda mais a um saber trazido pela pesquisa sobre a enunciação da doença psíquica. Na confluência de uma forte crítica à lógica da causalidade natural e da causalidade livre postulada por I. Kant, arguindo-se um novo regime de determinação: o inconsciente, tomando a preeminência do sonho como modelo do funcionamento psíquico.

As múltiplas recorrências temáticas levaram os críticos proustianos a estabelecerem analogias e influências; às vezes de forma desmedida e fetichizada, como no caso da interpretação psicanalítica das personagens proustianas iniciada por Milton Miller (1956). Soma-se a estas abordagens o problema trazido pelo próprio enredo da *Recherche*. Trata-se da descoberta da vocação do herói Marcel, anunciada como um desejo acessado depois de longas experiências marcantes e em correspondência com a busca da "verdade" (Descombes, 1987, p. 12); verdade essa que a crítica francesa afirma emergir no sujeito no contexto de uma *doutrina estética* (Milly, 1960, p. 68).

Pertencendo a um processo criativo ficcional, os termos estéticos ou

especulativos utilizados pelo narrador proustiano não operam como conceitos "evidentes" e daí emerge a necessidade de assumir uma leitura possível.

Marcel Proust, o autor, foi objeto de múltiplas análises psicológicas, protótipos do que, na sua obra de juventude havia criticado: tentar compreender uma obra literária por meio dos dados biográficos do seu autor. Essa abordagem é fortemente criticada por Jean Yves Tadié (1971), Elizabeth Czonizer (1957) e Jacques Rivière (1985). Entretanto, esses mesmos críticos não deixam de observar que Proust e Freud são contemporâneos; e que há nas suas obras, uma teórica e a outra ficcional, um amplo círculo de interesses comuns; que ambos também manifestaram interesse pela filosofia, a arqueologia, a plástica e as letras; como muitos dos psicólogos experimentais franceses, entre eles Hippolyte Taine, autor de *De l'intelligence* (1870).

É importante destacar que o narrador da *Recherche*, os psicólogos experimentais e a teoria freudiana fizeram uma forte crítica do conceito de linguagem entendido como representação direta da realidade, veículo neutro de significados. Surge um ponto de contato, no redimensionamento da fala para o tratamento dos processos psíquicos, na relevância do aspecto sonoro da palavra, principalmente na teorização freudiana sobre a afasia em 1891 (Freud, 2013).

Em nossos trabalhos anteriores (López Gallucci, 2008, 2016) observamos que os alcances da crítica à concepção instrumental da linguagem não estão explicitados na teoria estética exposta pelo narrador proustiano em *O tempo redescoberto*; motivo pelo qual reorientamos a pesquisa para o quinto romance *A prisioneira* em que, acreditamos, o narrador se aproxima da psicanálise e de uma verdadeira contribuição à teoria do sujeito; tomando certa distância das ideias metafísicas do tempo e do belo e da idealização da memória involuntária.

Pretendemos nessa reorientação – e na mudança do eixo tradicional que coloca *O tempo redescoberto* como o desfecho ficcional de um eu diante da verdade –, observar como, em *A prisioneira*, são colocados em relevo aspectos da linguagem e de um corpo que fala e se adentra nesse círculo de interesses da doença nervosa.

Segundo Yuri C. dos Anjos (2015), em 1890 Marcel Proust trabalha ativamente na redação da revista impressa *Le Mensuel*, e tinha uma assídua relação com o *ethos* midiático francês, trânsito preparatório do seu romance.⁹ Em 1896 lança *Os prazeres e os dias* (prologado por A. France),

inaugurando a primeira grande etapa da que será a elaboração de *À la recherche du temps perdu* (Genette, 1980). Em 1899 escreve o romance *Jean Santeuil*, que só será publicado em 1952 (aos trinta anos da sua morte), prefigurando muitas das temáticas da *Recherche*.

Para nos aproximarmos justamente das reviravoltas que dão os conceitos de *sujeito*, *memória* e *voz* na ficção proustiana acreditamos seja importante considerar que *À la recherche du temps perdu* é um romance que trata, segundo seu autor, de um “senhor que diz: eu” [*monsieur que dit: je*] (Fraisie, 1993, p. 93). Destaque-se que o romance inteiro, salvo o capítulo *Un amour de Swann*, foi escrito em primeira pessoa: “Durante muito tempo, fui para a cama cedo” [*Longtemps, je me suis couché de bonne heure*] (Proust, 1989, p. 3).

Compreenderemos assim, que o sujeito narrativo proustiano não se identifica apenas com uma voz narrativa (Deleuze, 1987; Landy, 2004) ou com um *eu*, lavrado sobre uma identidade que escuta, associa, lembra ou interpreta. Os estudos proustianos assumem que o sujeito ficcional da *Recherche* se reveste de várias vozes,

⁹ Matriculou-se na Faculdade de Direito da Sorbonne, na *École libre des sciences politiques* fundada em 1870 conforme as ideias de Hippolyte Taine. Segundo Painter, Proust assistiu a conferências de historiadores e filósofos como Paul Desjardins e Henri Bergson, a quem conhece em 1892, e com dezoito anos conheceu também Anatole France (1844-1924). A filosofia de H. Bergson foi comparada com as ideias da ficção proustiana em inúmeras oportunidades. Em 1896 H. Bergson, que já havia desenvolvido o problema da memória, do cérebro e das afasias em seus trabalhos, publicou *Matière et mémoire*, estudando os problemas da percepção e da memória em relação com o tempo.

relativas à tensão gerada entre a voz do narrador e a voz do herói Marcel (Genette, 1969; Tadié, 1971; Muller, 1983). Como podemos ler em *Combray* (Proust, 1989, p. 3), o narrador-herói afirma "eu adormeço" ["*Je m'endors*"], abrindo, assim, uma ampla sequência de produções do eu, identificado a variadas vozes narrativas.

O quinto livro da série, *A prisioneira*, apesar de estar redigido em primeira pessoa, tem oferecido um contraponto para repensar a questão do eu (López Gallucci, 2008), que emerge identificado a um corpo que adoece, um corpo falante que busca uma cura pela memória recriada. Um sujeito doente que parece se afastar dos ideais da arte, da busca da vocação, dos acontecimentos reveladores da memória involuntária e da busca da verdadeira realidade (temáticas chave da elipse narrativa, constituída pelo primeiro e último volume da *Recherche*). Uma leitura atenta deste romance nos permite observar a mudança no tratamento da linguagem, da memória e do sujeito, em um movimento de supressão dos ideais estéticos clássicos.

Os volumes que compõem a *Recherche* são semi-independentes e produtos de diversas retomadas e processos de (re)escrita que se estendem de fins de 1907 até 1922. Como o expõe a crítica genética ao estudar seus manuscritos, as ideias de

sujeito, de memória e de linguagem, provindas de um compêndio de mais de três mil páginas, não somente diferem do sentido que adquirem na teoria psicanalítica freudiana, mas também se alteram e sofrem modificações no interior da própria *Recherche* (Willemart, 2005; 2007).

2. A *Recherche*: entre os achados da psicologia francesa experimental e a invenção da psicanálise

Marcel Proust começa a se interessar por obras de médicos franceses especializados em doenças nervosas; motivado pela sua mãe e, segundo Robert Soupault (1967), pelas afirmações de seu pai sobre que sua doença asmática era meramente imaginária ("*l'asthme de Marcel était imaginaire*"). Foi assim que ele conheceu os novos métodos de isolamento promovidos na França, terapias pré-freudianas que começavam a se espalhar pela Europa e América. No final de 1904, Proust consagra-se à leitura das obras do neuropatologista Paul Charles Dubois (1884-1918), do assistente temporal de Charcot, Paul August Sollier (1892-1933) e, sobretudo, de Jean Camus e Phillipe Pagniez; médicos que teorizavam sobre o isolamento, o inconsciente, a psicoterapia dos afetos e a reeducação moral e psíquica

(1904). Nos textos produzidos por esse amplo grupo, a cura está intimamente ligada à descoberta do subconsciente revelado pela psicologia experimental da geração precedente à qual pertenceu o próprio pai de Marcel Proust.

Seu biógrafo inglês, Roger Painter, comenta que, em uma *soirée*, Marcel Proust se encontrou com um médico e lhe fez uma espécie de consulta improvisada. Tratava-se de um famoso especialista em psicologia experimental, Nicolas Vaschide¹⁰; nessa conversa lhe sugeriu que talvez fosse propenso ou receptivo ao fenômeno da divisão da consciência. Em outra consulta, esta oficial, ao Dr. Merklein, Proust ouviu a confirmação de que a asma era um hábito [comportamento] nervoso (Painter, 1965, p. 34). Esse achado diagnóstico o estimulou a ler todas as teorias que falavam do "subconsciente"¹¹ como causa das doenças que, até esse momento, haviam sido tratadas como meramente orgânicas (Painter, 1959, p. 89).

Antes da morte de sua mãe, ele promete visitar de caminho até Berna ao dr. Paul Dubois, um dos especialistas mais reconhecidos em tratamentos psicoterapêuticos. De fato, Proust tinha notícias sobre a obra

de Dubois sobre as psiconeuroses e o apelido de "doenças da alma" que o médico lhes deu. Dubois argumentava que o isolamento era o preâmbulo da cura; que se tratava apenas de um meio de colocar na prática o que nesses dias era conhecido como o tratamento moral. O método em si era, no entanto, uma psicoterapia (Camus; Pagnez, 1904, p. 157). Alguns autores duvidam se realmente Proust visitou Dubois (Tadié afirma que sim), devido a um ataque de uremia sofrido pela mãe, que precipitou a volta de ambos a Paris.

No estudo realizado por Eduard Bizub, a morte da mãe se destaca como causa de uma de suas profundas crises afásicas. Esse é um tema recorrente na literatura proustiana, já que nesse período começaram a circular efetivamente as ideias que constituiriam a *Recherche*. Fundamentalmente, porque essa crise afásica o levou a sentir-se doente e vazio no plano espiritual, assim como a ocupar toda sua energia na tradução de uma segunda obra de Ruskin¹², numa espécie de autoisolamento e trabalho de luto. A dedicação à tradução e à literatura tornou-se exclusiva. Nesse período, foram inúmeras as consultas que realizou

¹⁰ Vaschide era chefe do Laboratório de psicologia experimental da *École des Hautes-Études* (Painter, 1965, p. 34).

¹¹ Esse termo foi aceito por Charcot e Freud; utilizado no *Estudo comparativo das paralisias hísticas*, como "associação subconsciente" de uma lembrança traumática. Freud utilizou esse termo até a *Interpretação dos sonhos*, quando rejeitou essa designação porque a considerou incorreta.

¹² Marcel Proust traduziu dois livros do pensador e esteta britânico John Ruskin: *La Bible d'Amiens* (1904) e *Sésame et les lys* (1906).

a médicos e neurologistas franceses, enquanto decidia com quem começava seu tratamento "moral". Na verdade, ele não concebia entrar em tal isolamento, que o levaria a deitar em um quarto fechado, sem poder ler nem escrever, quando suas crises habituais de asma só lhe permitiam dormir ao amanhecer.¹³

Foi assim que, em dezembro de 1905, depois de dois anos de leituras intensas de textos de medicina e psicologia (tratamentos psicoterapêuticos), ingressou na casa de saúde de Paul Sollier estando a par do tipo de tratamento ao qual iria se submeter (Bizub, 2006, p. 151). A cura promovida por Sollier seguia certas regras que Proust conhecia. Primeiro, devia se afastar do mundo, descansar sozinho dentro de um quarto de isolamento; ademais, deveria seguir um regime de comida estrito (pelo que diz Pagniez, laticínios); e, por último, entregar-se totalmente ao médico que conduziria o procedimento para a cura. O método de Sollier propõe uma série de interrogações que, feitas ao paciente, possibilitariam, através de

uma espécie de conversa, a reeducação do espírito e da vontade.¹⁴

Contudo, seis semanas depois, em janeiro de 1906, Proust abandona, por decisão própria, a casa de saúde de Sollier. Nada se sabe de seu diagnóstico; apenas que saiu de lá com a opinião de que esse tratamento o deixara mais doente ainda, aparentemente porque fracassou. E continuou sustentando que a asma era signo de outra coisa em seu interior que buscava se expressar.

Eduard Bizub faz sua própria interpretação, quando afirma que as leituras da obra de Jean Pagniez e Phillippe Camus (1904) e de casos de divisão da consciência, bem puderam dar a M. Proust a ideia de que sua doença nervosa impedia seu eu interior de se exprimir (Bizub, 2006, p. 152).

O que extraímos dessa relação, para além da questão biográfica, é a implicação de Proust com o círculo de ideias em que se encontrava Sollier. Junto a Déjerine, P. Sollier foi um dos fiéis discípulos de Jean-Martin Charcot, pertenceu a uma geração que buscava, no isolamento e nas conversas sobre a doença, um resultado semelhante

¹³ Seu irmão, Robert Proust, testemunhou o primeiro episódio de asma de Marcel em 1880, quando tinha aproximadamente nove anos. Essa doença respiratória e diversas crises de afasia o assolariam pelo resto da vida, até a pneumonia lhe trazer a morte.

¹⁴ Sollier escreve: são principalmente os médicos os que têm a honra de ter estudado os vários distúrbios da memória. Infelizmente, devido à falta de conhecimento psicológico suficiente, eles não conseguiram extrair dos casos observados todas as informações desejáveis, tanto do ponto de vista médico quanto psicológico, que tais questões exigem, e suas observações são, em sua maioria, muito incompletas. Os psicólogos, menos capazes que os médicos de examinar esses fenômenos mórbidos, e por muito tempo desdenhando tudo o que o método introspectivo não podia lhes dar, negligenciaram lidar com eles; e quando finalmente decidiram fazê-lo, só puderam basear suas especulações em observações médicas, ou seja, em fatos incompletos, que eles próprios não tinham visto e que não podiam controlar. (Sollier, 1901, p. 5).

ao que buscavam, com a sugestão hipnótica, os psicólogos experimentais. Com o tempo, P. Sollier se transformou em um acérrimo oponente das ideias de Sigmund Freud.

A cura sollieriana se baseava em um afastamento total, com regras claras e abertas, método que antigamente só era aplicável aos alienados, como foi teorizado por Esquirol (Foucault, 1978, p. 508-510). Sollier pretendia manter o sujeito sem influência externa para obter um estado de "suspensão", semelhante ao estado dos sujeitos de consciência dividida, que haviam chegado a ser famosos, antes da virada do século, como dormentes-acordados [*dormeurs éveillés*] (Proust, A., 1897). Paul Sollier é, nesse sentido, descendência direta daqueles primeiros médicos que, nas últimas três décadas do século XIX, assim como Adrien Proust (1897), buscavam respostas psicológicas para as novas patologias que surgiam no panorama francês.

Mas por que colocar o paciente nesse estado de suspensão? Quem eram esses *dormeurs éveillés* que ocuparam os médicos teóricos da neurastenia e da histeria? Tratava-se de um tipo específico de patologia que causou grande ebulição e chamou

profundamente a atenção do círculo de médicos composto por Azam, T. A. Ribot¹⁵, Pierre Janet, Alfred Binet e Adrien Proust. Interessados nesses pacientes que quebravam o esquema nosográfico tradicional e não se enquadravam nas observações de J.M. Charcot na sala da *l'Hôpital de la Salpêtrière*. Pacientes que, sem hipnose ou sugestão clínica, perambulavam em um estado semiacordado em pleno dia e que, passado um tempo de observações, foi chamado de estado segundo de consciência. Sua principal característica era uma alternância com a vigília. Alternância que, em certos casos, durava toda a vida; por esse motivo os pacientes eram chamados de *sonâmbulos*.

Em 1890, Adrien Proust foi convidado pelo Dr. Pierre Janet para apresentar, diante da Academia de Ciências Morais, os resultados de uma de suas pesquisas, que logo publicaria sob o nome de *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique*, Émile X.¹⁶ Em um artigo do mesmo ano o caso já era objeto de debate.¹⁷ Na apresentação de caso, o Dr. A. Proust (1890, p. 202) manifesta que Émile X tinha "trinta e três anos; que era filho de pai alcoólatra, mãe nervosa e que tinha um irmão mais

¹⁵ Primeiro a ocupar a cadeira de "Psicologia experimental e comparada" no Collège de France, criada em 1888.

¹⁶ A observação de Émile X...est totalement ignorée par les proustiens d'aujourd'hui. Aucune mention de ce cas n'est pas faite dans le *Dictionnaire Marcel Proust* [...] 2004 (Bizub, 2006, p. 113.).

¹⁷ Henri Parvielle foi quem comparou Émile X com um *dormeur éveillé* (Parvielle, 1890, p. 109-110).

novos com retardo mental. Ele, pelo contrário, parecia bastante inteligente".

Émile X se havia formado em estudos clássicos, mas não havia tido sucesso nos concursos acadêmicos. Estudou medicina durante alguns meses, mas logo opta por seguir os estudos de Direito, chegando a ser membro da ordem dos advogados de Paris. O Dr. Proust menciona que Émile X é muito sensível às impressões, pois quando recebe uma forte impressão isso faz acordar nele o *moi somnambulique*. Ele se transforma espontaneamente em outra pessoa, passa a esquecer totalmente as situações de sua vida cotidiana e adota uma postura literalmente errante. Ao retornar a si, não se lembra de nada. É para Proust um caso de automatismo ambulatório.

No artigo de 1887 *Les altérations de la personnalité*, Alfred Binet retoma o caso e salienta que, quando Émile X entra nesse estado, esquece tanto suas lembranças mais antigas quanto as mais recentes; e que esse estado segundo (Binet, 1892, p. 20) pode prolongar-se por vários dias. Para A. Proust, o que verdadeiramente acontece a Émile X é que ingressa em um estado em que apercebe (como diz Leibniz) o que se passa ao seu redor. Essa é a explicação de A. Proust, que Binet apoia, do processo vivenciado pelo paciente em estado segundo. O diagnóstico do Dr. Proust é o seguinte: Émile X "apresenta os sinais mais evidentes da grande

histeria, com ataques de sensibilidade, motilidade, etc." (Proust, 1890, p. 203).

Detenhamo-nos um pouco nos dois episódios narrados pelo paciente para o Dr. A. Proust. O primeiro, de setembro de 1888, em que tem uma briga com seu pai que o altera muito e que deixa nele uma viva lembrança até o presente. No entanto, afirma ter esquecido os acontecimentos das três semanas posteriores a essa briga. Terminando esse período, ele se encontra em Villars-Saint-Marcelin (na comuna de Haute-Marne), longe de Paris, mas não sabe como chegou até ali. O segundo episódio data de maio de 1889: ele toma o café da manhã no Quartier Latin de Paris e, dois dias depois, encontra-se em outro lugar (ocupando um leito no hospital em Troyes). Quando acorda, só sabe que tem sua carteira e duzentos e vinte cinco francos (Proust, A. 1898, p. 202-203; comentado por Binet, 1892, p. 30).

Se em estado normal Émile X não sabe de nada, ao ser hipnotizado ele narra ao Dr. Proust inúmeros detalhes. Acerca do segundo episódio, afirma que, ao sair do restaurante, toma um carro, pede que o levem à *gare de l'Est*, embarca à 1 hora e 25 minutos e chega a Troyes às 5 e 27. Fica no hotel do comércio, no quarto n. 5. No dia seguinte, passa a tarde com um conhecido e, em certo momento, começa a se sentir mal; chama um guarda e pede-lhe que o conduza até a

delegacia de polícia, e daí ao hospital em Troyes, onde acorda. A. Proust realiza sua interpretação: Émile X, em seu estado normal, não sabe o que fez durante os períodos de automatismo ambulatório, mas basta mergulhá-lo no sono hipnótico [*sommeil hypnotique*], colocá-lo novamente em uma segunda condição para que se lembre imediatamente dos menores detalhes de suas peregrinações (Proust, 1890, p. 203). Com efeito, Émile X haveria sido chamado pelo tribunal da cidade em que perambulava por ter sido acusado de roubo. E somente após o informe sobre sua condição sonambúlica é que as queixas foram retiradas.

A partir da apresentação de Émile X, o caso se torna referência para os pesquisadores que desenvolvem trabalhos no domínio da divisão da consciência. O aspecto que nos parece relevante é que o estado de errante foi relacionado com o estado hipnótico. E o Dr. Proust comenta:

Ele é quase instantaneamente hipnotizável. [...] Basta que ele fixe um ponto no espaço, ouça um ruído ligeiramente alto, experimente uma impressão repentina e vívida para que ele imediatamente caia em sono hipnótico (Proust, A. 1890, p. 202 apud Bogousslavsky, 2007, p. 130).

Qualquer forte impressão, fruto de sua percepção, produzia a passagem de um estado para o outro. Um dia, ele

estava no café na *Place de la Bourse*, quando se olha no espelho adormece imediatamente. Atônitos e assustados, as pessoas que estavam com ele o levaram para o hospital Charité, onde ele foi acordado (Proust, A. 1982, p. 203). O Dr. Proust estima que a causa é também uma forte impressão: a impressão de seu olhar no espelho. Ironicamente, Émile X parece haver-se hipnotizado a si mesmo ao se olhar fixamente no espelho¹⁸; e seu próprio olhar fixo refletido o faz entrar em estado segundo.

Ao ser indagado, Émile X faz referência a outro olhar; ele se lembra de um olhar fixo e penetrante que lhe profere o juiz no palácio da justiça; esse olhar produz nele uma paralisia, uma espécie de adormecimento provocado pela impressão. As impressões sensoriais que originam a passagem levam o Dr. Proust a concluir que o caso evidencia a ruptura na continuidade dos fenômenos da consciência. Mas, nesse estado segundo, ele age como na vida cotidiana. O Dr. Proust pensa que, se há uma descontinuidade entre os dois fenômenos da consciência, o paciente manifesta uma continuidade entre os fenômenos de consciência da condição segunda. O que Proust descobre é uma organização particular da consciência no estado sonambúlico. Essa conclusão confirma a tese de Binet e da psicologia experimental, que

¹⁸ Binet não menciona o episódio do espelho.

sustenta a continuidade da consciência em cada um dos estados.

Segundo a descrição de A. Proust (1890), seu paciente possuía as mesmas características do famoso caso Félida (Azam, 2004), frequentemente mencionado na literatura de *La Salpêtrière* e prefaciado por Charcot. Félida começou a ser tratada em 1858 pelo Dr. Azam, que a atendeu durante vinte e cinco anos, e cujas conclusões, assinala Pierre Janet, forneceram uma experiência clínica vital para a criação da disciplina de psicologia no *Collège de France* (Bizub, 2006, p. 31). A partir desse caso, o Dr. Azam criou, em 1887, o termo *dédoublement de la personnalité*, abrindo um novo campo teórico e clínico. Félida era uma jovem operária que trabalhava na área de costura. Certo dia, aos quatorze anos, sentiu uma dor e logo caiu em um profundo sono. Ao acordar, não reconhecia mais seu antigo eu, e começou uma nova vida. A medicina da época não conhecia as causas da doença e o próprio Dr. Azam admitiu sua perplexidade diante desse fenômeno fisiológico de essência desconhecida. Félida, ao ser tomada por alguma emoção forte, passava a um estado de transição (que em princípio durava dez minutos, mas com o tempo esse estado chegou a durar mais de duas horas); em seguida, passava ao estado que Azam chamou de estado de finalização, em que caía adormecida. Isso produzia uma espécie

de marcha inversa; desse estado de sono, ela acordava voltando para seu estado ordinário. A partir do primeiro incidente, Félida viveu em uma sucessão de estados alternados (Azam, 2004, p. 64). Essas personalidades eram mutuamente amnésicas e antinômicas, contraditórias, uma negava a outra. Se, de um lado, Félida era triste e silenciosa; de outro, ela era audaz e até rude, revelando abertamente sua sexualidade.

Depois de muitos anos de observações, a psicologia experimental postulou que a causa dessas patologias era um desdobramento da personalidade, uma *divisão da consciência*. A noção de uma consciência múltipla alcança notoriedade graças ao estudo de relatos clínicos de pacientes que manifestam, alternadamente, tais personalidades diferentes. Os pacientes cindidos em estado segundo pronunciavam “quase-frases”, murmuravam algo que parecia vir de outro “eu”, sem deixar rastros na memória quando voltavam para seu estado normal. Assim, a memória dividida é tida como o fator de identificação da personalidade em cada um dos estados.

No prefácio ao livro de Azam, escrito por Jean-Martin Charcot, ele homenageia a perseverança na área da divisão da consciência e do hipnotismo (que Azam foi o primeiro a enlaçar), pois isso abriu o campo tanto dos estudos praticados na *Salpêtrière* pelo

próprio Charcot quanto os da escola de Nancy, aos cuidados de Bernheim. Havia nascido assim a cultura acadêmica do sonambulismo, a divisão da personalidade e o subconsciente.

O Dr. Adrien Proust assiste a uma das últimas aulas de Charcot, em 02/12/1890 (Bizub, 2006, p. 160), na qual apresenta o caso de Marie H. que, seguindo a tradição tanto de Azam como do próprio A. Proust, coloca Marie H. dentro da categoria dos *dormeurs éveillés*. O caso Félida inaugura um paradigma do desdobramento da personalidade fundado na divisão da consciência; e abria-se também, um novo caminho de pesquisa, uma nova questão para a geração de médicos, psicólogos e filósofos que, até então, manifestavam sua crença na unidade do eu. Esses seres divididos não poderiam ser objetos de estudo da filosofia tradicional, fundada sobre a visão da unidade do espírito e a univocidade do sujeito e da alma. Para Jacques Nassif (1977), esse caso teve profunda influência nas teorias articuladas por Alfred Binet e P. Janet.¹⁹ Eles foram responsáveis, no ambiente francês, por associar às hipóteses sobre a memória a divisão da consciência, abrindo um campo de interesse que ultrapassava a práxis

médica. Segundo Carroy (2001, p. 9), Binet testemunha o surgimento desse modelo psíquico que, em diferentes registros epistêmicos e gêneros, Bergson na filosofia, Freud na psicanálise e Proust na literatura, desenvolveriam e refundariam depois dele.

P. Janet e A. Binet sustentaram uma tese decisiva, com a qual dialogam com as ideias freudianas. Eles acreditavam que os pacientes histéricos eram mais propensos a essa *divisão da consciência*. E é no livro de Binet (1887) que Freud descobre a ideia de *alteração da consciência*, de *condição segunda* e a ideia de ausências constituindo uma referência primordial para a escrita do artigo *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, de 1893). Freud se refere à retomada de Binet (lotada de comentários filosóficos) dos grandes casos clássicos de divisão da personalidade (Félida, le Sergent Bazeilles, Lucie e Emile X, tratado pelo Dr. Proust), em que Binet esclarece os benefícios da sugestão na busca da primeira irrupção do sintoma histérico. Daí que Freud afirma em "Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos" a famosa frase acerca de que o histérico sofre de reminiscências, grande parte das vezes (Freud, 2016, p. 19). No estudo de casos

¹⁹ Pierre Janet (1859-1947) foi médico e teórico do automatismo psicológico; fundou na França a corrente da análise psicológica; ele e seu irmão Jules Janet se interessaram pelos fenômenos do sonambulismo e das personalidades múltiplas (vide Roudinesco e Plon, 1998, p. 407-410).

de histeria, colocava-se em primeiro plano a questão da percepção de fortes impressões, da propriocepção ou da sinestesia, como ponto de partida da divisão da personalidade e da memória. A sensação, ou melhor, a lembrança da sensação, podia ser a chave que o paciente trazia do estado segundo ao estado primeiro, possibilitando ao médico encontrar uma ponte imaginária para a cura. Contudo, onde se situava esse material psíquico esquecido?

Em 1894, Freud expressa algumas dúvidas sobre a origem da divisão da consciência em *As neuropsicoses de defesa* (2016, p. 30ss), ensaio teórico em que toma distância da tese ora exposta:

Desde os excelentes trabalhos de P. Janet, J. Breuer e outros, pode-se ter como geralmente reconhecido que o complexo de sintomas da histeria, até onde o entendemos agora, justifica a hipótese de uma cisão da consciência e formação de grupos psíquicos separados. Menos estabelecidas, porém, são as opiniões sobre a origem dessa cisão da consciência e sobre o papel que essa característica tem na estrutura da neurose histérica (Freud, 2016, p. 31)

Freud se distancia, justamente nesse ponto, da divisão da consciência (*Spaltung des Bewusstseins*), pois adere à ideia de que a patologia histérica

(*hysterische Neurose*) não é um produto, mas a origem desses estados oníricos ou hipnoides:

Em oposição à tese de Janet, que me parece admitir muitas objeções, acha-se aquela que J. Breuer defendeu em nossa comunicação conjunta. Segundo Breuer, é "fundamento e condição" da histeria o aparecimento de estados de consciência peculiares, onírfomes, com capacidade de associação restrita, para os quais ele propõe o nome "estados hipnoides". A cisão da consciência é então secundária, adquirida; produz-se pelo fato de as representações surgidas em estados hipnoides serem excluídas do trato associativo com o restante do conteúdo da consciência (Freud, 2016, p. 31)

Se a histeria não é causa dos estados hipnóticos, qual a vinculação entre esses dois fenômenos? Freud praticou durante um tempo o tratamento que induzia os pacientes na hipnose. Sob esse estado de sugestão, buscava chegar aos acontecimentos patogênicos na gênese dos sintomas, acessando um conhecimento que escapava aos pacientes no estado aparentemente normal de vigília e consciência. Mas, ao observar que não conseguia bons resultados e às vezes não conseguia sequer hipnotizar os pacientes, decidiu, então, abandonar tal método. Freud utiliza a hipnose²⁰

²⁰ No caso da dissociação, porém, Freud não considerava esse um componente 'primário' (rastros de uma debilidade congênita que, segundo Janet, produzia um estreitamento do campo da consciência), mas uma dissociação secundária, referente a um 'momento traumático' (histórico) que constituiria um dos principais elos no estudo da origem dos processos psicofísicos da histeria de conversão. (Freud, 2016).

para a análise psíquica com o objetivo de ampliar a consciência e chegar até um grupo psíquico dissociado; isso, no entanto, não evitou a emergência de uma ideia crucial que confrontava a noção de "consciência dissociada", na qual a hipnose se apoiava. As representações patológicas dissociadas e esquecidas pela consciência, segundo Freud, não se perdem, pois "permanecem existindo no âmbito do aparelho psíquico". Sabemos, pelo ensaio sobre as afasias, que ele escreve nesse período, que o aparelho psíquico é para ele um aparelho de memória, e que existem nele representações (que são as sensações imediatamente associadas). Também sabemos, pela Carta 52 a Fliess, que Freud irá opor a percepção à consciência, propiciando uma série de inscrições no aparelho que não chegam ao âmbito da memória consciente. Levando em consideração esses textos, fica mais claro, por quê Freud sustenta em *As neupsicosisroses de defesa* que ditas representações nos pacientes cindidos não se perdem, mas persistem fora da consciência, sob forma recalcada:

Se numa pessoa predisposta [à neurose] não se acha presente a aptidão para a conversão, mas, para ela se defender de uma representação intolerável, esta é separada do seu afeto, então este afeto tem de

permanecer no âmbito psíquico. A representação, agora enfraquecida, resta excluída de toda associação na consciência, mas seu afeto liberado se prende a outras representações, não incompatíveis em si, que, graças a essa "ligação errada", tornam-se representações obsessivas (Freud, 2016, p. 34).

Na *História do movimento psicanalítico* (Freud, 2012), além de anunciar sua dívida para com o método da hipnose, Freud afirma que, após abandoná-lo, optou por estimular os pacientes por meio da *comunicação oral*, na descarga da hesitação (Freud, 2016). Essa descarga supõe que a liberação do afeto esteja ligada à lembrança de um trauma, possibilitando a anulação dos efeitos patogênicos.²¹ Freud sublinha a importância de que o ato catártico possa ser substituído pela fala. Mas, à diferença de P. Sollier, Dubois, Paigetz etc., Freud não pretende reeducar o paciente nem sua vontade. Para ele, a descarga do afeto se produz no retorno de um material psíquico que foi recalcado, formando parte de uma experiência dolorosa; esse material (representação) não é apenas lembrado, mas, de alguma forma, revivido, trazendo a descarga do afeto.

Nesse salto epistêmico, Freud situa o ponto de partida da psicanálise; no abandono do método catártico e na ênfase da cura através da palavra

²¹ Binet tinha observado que a terapia sugestiva era bem mais efetiva quando a atenção do sujeito estava dirigida para a primeira ocorrência do sintoma; mas foi Breuer quem relacionou esse retrocesso associativo, chamado por Freud ab-reação.

falada. Considerando sua ideia sobre as lembranças esquecidas pelo sujeito, Freud assume um novo tipo de relação com os pacientes. As lembranças recalçadas não se perdem, uma vez que fazem parte de um processo que guarda rastros dos laços (*Verknüpfung*) originais entre as representações. Esses rastros de memória estão carregados de afetos. E do trabalho psicanalítico dependerá a possibilidade de trazer à atualidade essas lembranças esquecidas, fontes da patologia. Freud dispõe para isso do método de associação livre. Através da associação, pretende-se que as lembranças não esquecidas possam entrar em relação com outras lembranças que, pelo seu conteúdo traumático, ficaram recalçadas.

Entretanto, a experiência clínica mostra a Freud que uma força indeterminada no sujeito o impede de atingir esse objetivo; força essa que mantém as lembranças em estado inconsciente, fazendo com que o paciente persista no estado patológico. Esse estado é pura expressão de uma *resistência*. Em psicanálise a tarefa terapêutica consistirá em tentar suprimir a resistência e associar à consciência as forças que, no momento traumático, haviam produzido o esquecimento. Freud denomina esse mecanismo de esquecimento: *recalque*. É por meio do conceito de *recalque* que conseguimos pensar o sujeito dividido

em termos freudianos. No sujeito se origina um conflito, uma luta que expulsa da consciência certas ideias por serem incompatíveis com ela. Essas ideias são representações provenientes de um *desejo incontornável* do qual a consciência se protege.

A diferença entre a concepção freudiana desse período e a de P. Janet está no fato de que este último deriva o *desdobramento psíquico* de uma insuficiência inata, como Charcot, que atribuía à herança a verdadeira causa da histeria. Tomando distância, Freud explica dinamicamente essa cisão, pelo conflito de forças encontradas no *aparelho psíquico*. Nesse momento de sua construção teórica, Freud considera que a consciência se defende de lembranças penosas sem que, geralmente, se produza o desdobramento psíquico. A análise freudiana no período, assume a tarefa de reintegrar os desejos intoleráveis e recalçados no inconsciente à atividade anímica consciente, pois, para ele, o mais valioso resultado das observações de Breuer foi a descoberta da *conexão* entre os *sintomas* (conscientes) e os *processos patológicos* ou *traumas* (inconscientes). Freud ironiza as teses de Paul Janet em seu artigo *O inconsciente* onde escreve que devemos estar preparados para admitir, não só uma consciência segunda, mas uma terceira, uma quarta, uma série inacabável de estados de consciência

desconhecidos e que se ignoram entre si.

Será possível afirmar então que a *Recherche* de Proust eclode como expressão de um momento histórico muito particular na França, testemunho de certa antecipação sobre os mecanismos inconscientes, entre os achados da psicologia francesa experimental e a invenção da psicanálise.

Em *A medicina de Papa*, de 1992, Christian Pechenard discorre sobre as qualidades de inúteis, que os médicos e psiquiatras adquirem na *Recherche*, caracterizados pelo egoísmo, pelos caprichos e pela pretensão de renome social, médicos que, como o imbecil (sic) Dr. Cottard, acabariam sendo professores em Paris. Pechenard enfatiza o descaso recorrente que o pai de Marcel Proust manifestou em relação a suas doenças crônicas quando reflete: o médico professor Adrien Proust dedicado à saúde pública da população e das colônias francesas, pouco se ocuparia da doença do seu filho; o pouco que conseguiu fazer era ser com ele absolutamente indulgente (Pechenard, 1992, p. 178-9).

3. As teses da "Influência"

Não acredito que a obra de Proust possa durar.
E esse estilo! Ele que ir sempre às profundezas
e nunca termina suas frases

(Carta inédita de S. Freud a M. Bonaparte,
04/01/1926, citada por Roudinesco, 2012).

Em *Une parenthèse: Freud et la psychanalyse en France avant 1914*, Elizabeth Czoniczner (1957) aponta os meios pelos quais Marcel Proust poderia ter tido acesso às ideias de Freud antes da Primeira Guerra Mundial. Um ano antes do começo dela Proust publica os dois primeiros volumes de *Du côté de chez Swann* (*Combray* e *Un amour de Swann*). Como era a situação da psicanálise freudiana na França antes de 1914? Teria Proust, por acaso, chegado até o nome de Freud em suas leituras sobre doenças nervosas?

Elizabeth Czoniczner anota, em ordem de aparição, as vezes em que surge o nome de Sigmund Freud em publicações francesas; em 1893, pela primeira vez aparece efetivamente seu nome em dois artigos: o primeiro foi "Les diplégies cérébrales infantiles", publicado pela *Revue neurologique*, de Edouard Brissaud e Marie (Freud, 1893, p. 177-183). E o segundo artigo, "Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques", aparece publicado nos *Archives de neurologie* de Charcot (Freud, 1893, p. 29-43 apud Czoniczner, 1957, p. 36)). Este último, escrito no período em que Freud volta a Viena, é um informe sobre a terapia hipnótica em que se descreve o procedimento que Freud e Breuer utilizam para reativar as lembranças patogênicas recalçadas em pacientes

histéricos. Apresentam-se nesse artigo as primeiras diferenças entre a teoria de Freud e a do próprio Charcot, pois para Freud a conclusão prática, formulada como método psicoterapêutico, é que será possível despertar a memória do trauma psíquico para modificar sua influência persistente por meio da sugestão (Breuer e Freud, 2016).

Observamos apenas que, nesse artigo em que Freud tenta distinguir a especificidade das paralisias histéricas, ele compara várias vezes seu método de dedução e de análise com o utilizado no trabalho de Freud sobre as afasias, de 1891. Se a anatomia cerebral é uma só, afirma Freud, nas paralisias histéricas, assim como em algumas afasias em que não há lesão orgânica, a doença se comporta como se a anatomia não existisse, quebrando sua "lógica". As paralisias histéricas são, então, alterações puramente funcionais, como propõe que sejam pensadas algumas afasias. Freud estava já em condições de dizer que essas alterações funcionais remetem a uma associação "subconsciente", não com o trauma em si, mas com sua lembrança. Isso coloca o problema da memória em primeiro plano, que através do trabalho psíquico, o paciente procurará acessar.

Outro artigo aparece na *Revue neurologique de Paris*, "Obsessions et Phobies. Leur mécanisme psychique" (1895). Freud sustenta que a obsessão e a fobia são causadas originalmente

por uma impressão penosa da vida sexual do indivíduo, uma situação traumática. Dessa maneira, a obsessão e a fobia procedem por um mecanismo semelhante ao da histeria. Um ano depois, Freud publica "*L'Hérédité et l'Étiologie des nevroses*", em que menciona, pela primeira vez, o termo francês *psycho-analyse*, entendido como um método clínico:

Quanto à segunda classe das grandes neuroses, histeria e neurose obsessiva, a solução do problema etiológico é de uma simplicidade e uniformidade surpreendentes. Devo meus resultados ao emprego de um novo método de psicanálise, ao procedimento explorador de Josef Breuer, um tanto sutil, mas que não pode ser substituído, de tal modo se mostrou fértil para iluminar as vias obscuras da ideação [*idéation*] inconsciente (Freud, 2023, p. 87).

Nesse artigo, Freud dirige-se aos discípulos de Charcot e assume sua nova posição sobre a histeria (a chamada *grande neurose*). Mas, por um bom tempo (1896-1902), o nome de Freud só se lê na França de maneira esporádica. Em 1902, é mencionado no manual de Pitres e Régis, e em um volume sobre as obsessões de P. Janet (1907). E Hartenbeg também escreve um artigo que estuda a neurose de angústia (1907), baseado nos conceitos freudianos.

Talvez seja fora da França que se lhe dedica maior atenção durante esse

período. Em Genebra, aparece em um ensaio de Mader, *Essai d'interprétation de quelques rêves* (1907, apud Czonizcer, 1957, p. 42). A esse ensaio remete-se P. Janet (1914), quando apresenta no Congresso internacional de medicina, em Londres, seu artigo sobre a psicanálise freudiana. P. Janet critica a suposta novidade da teoria psicanalítica freudiana e afirma que foi Maeder, o discípulo de Freud, quem conseguiu aperfeiçoar a técnica de interpretação e mostrar seu "o significado". Com P. Janet, temos um exemplo concreto do estado da recepção das ideias freudianas na França antes da guerra. Entre os críticos de Freud se soma Paul Sollier com seu artigo "L'hystérie et son traitement" de 1914, para quem as interpretações freudianas atingem um grau de extravagância que é verdadeiramente surpreendente e ainda mais chocante, porque elas tendem a reduzir tudo à função sexual e à emoção [...] e Sollier ironizando pergunta: "é realmente útil e benéfico revelar às jovens o que seria melhor elas sempre ignorarem em termos de perversão sexual?" (Sollier, 1914, p. 149, citado por Czonizcer, 1957, p. 43).

A origem sexual das neuroses foi habitualmente tomada como um modo pornográfico de compreender as fontes da doença psíquica, distorcendo gravemente o sentido da obra freudiana. Coincidentemente, encontramos em

Proust um dos primeiros romancistas que ousou (Rivière, 1985, p. 192) colocar a questão do gênero e do desejo homossexual em um primeiro plano, fazendo o narrador levar em conta, na explicação dos caracteres dos personagens, a questão sexual (correndo um risco igual ao de Freud). O narrador da *Recherche* se interroga constantemente sobre as orientações amorosas dos personagens como parte de sua condição psicológica.

Se essas foram as primeiras aparições de Freud em textos médicos, a situação muda e, em 1914, a metade dos textos aparecidos no *Journal de psychologie* é consagrada ao freudismo. É interessante perceber como essas comparações estiveram regidas pelo incipiente estado da recepção das ideias freudianas na França. E, à medida que a obra de Freud começa a ser traduzida e transmitida, como acontece com a chegada a Paris, em 1921, de Mme. Sokolnik, cresce a literatura que compara Freud e Proust (Pichon, 1934).

No entanto, em uma conferência datada de 1926 (ano da criação da *Sociedade psicanalítica de Paris*), Jacques Rivière se ocupa desse problema e afirma que Proust só tem notícias de Freud pouquíssimo tempo antes da sua morte. Segundo ele, Proust só conhecia o nome de Freud e, talvez, o significado geral de sua doutrina. Mas, como afirma Rivière, ele só havia

sido informado recentemente, e, assim sendo, a obra freudiana não teria tido influência em seu trabalho. (Rivière, 1985, p. 34).

Rivière não concorda com a ideia da influência, mas existe outro tipo de literatura na França, extensível a outros âmbitos, que traz diversas comparações entre Proust e Freud, a ponto de assumir que há uma relação de efetivo parentesco temático, insistindo em afirmar a tese da influência. Talvez o primeiro nessa linha seja o artigo "Marcel Proust et l'esthétique de l'inconscient", assinado por Rousseaux e publicado em 15/01/1922 no *Mercur de France* (Rousseaux, 1922, p. 361-386, apud Czonicz, 1957, p. 33), quando Proust ainda estava vivo. Dezessete anos depois um psicanalista americano, Gregory Zilboorg, publica "The discovery of the Oedipus Complex" (veja referência completa ao final). O autor tenta mostrar que Proust havia descoberto o complexo de Édipo na descrição que o narrador da *Recherche* faz dos sentimentos parricidas, por exemplo, na famosa cena do beijo noturno, em *Combray*.

Vislumbra-se que, ao quererem estabelecer relações, muitos autores estavam, na verdade, criando essas analogias e pressupondo que as ideias da ficção proustiana já se encontravam articuladas na obra de Freud; e pressupondo que as ideias da psicanálise estariam disponíveis

para esclarecer os pontos obscuros do romance. Esse uso equivocado da teoria freudiana possibilitou que temas como o "sonho", o "desejo", a "memória inconsciente", a "identidade de percepção" ou a "atenção flutuante" (*Gleichschwebende Aufmerksamkeit*) fossem objeto de "analogias" e "influências". Houve autores que pensaram em certas relações de maneira menos ousada, como acontece nos casos de Charles A. Blondel (1932) e Jacques Rivière (1926). Em Blondel, o eixo da vinculação e o argumento dos encontros "temáticos" entre Proust e Freud visam ao aspecto espacial do aparelho psíquico. Segundo o autor, na descrição do aparelho psíquico, a obra proustiana se caracteriza por manifestar uma complexa divisão interna, entre um estado *consciente* e outro, *inconsciente*. Divisão esta que se apresenta em Freud e em Proust através de imagens espaciais muito semelhantes. O aparelho psíquico freudiano comportaria, segundo a interpretação de Blondel, uma espécie de sala separada por portas, em suma, um tipo de apartamento: "Freud, quelque part, compare en gros la conscience à une salle, qu'une porte, elle-même gardée par la censure, sépare d'une autre salle, qu'est celle de l'inconscient [...]" (Blondel, 1932, p. 167-168). E logo Blondel extrai de *Sodoma e Gomorra* as reflexões sobre o sonho do narrador que, quando

entra no sono, "é como um segundo apartamento que possuíssimos e, onde, abandonado o nosso, tivéssemos ido dormir" (Proust, 1989, p. 300).

Mesmo que, à primeira vista, a ideia de Blondel sobre as metáforas espaciais possa aproximar Proust e Freud, uma leitura mais atenta da divisão do aparelho psíquico em Freud, assim como do conceito de censura ou dos processos de recalque das representações que compõem o material inconsciente, leva-nos a assumir uma posição diferente. Apesar da ênfase que Blondel dá à espacialidade na divisão do aparelho psíquico, sua exposição deixa na escuridão justamente o funcionamento dessa estrutura psíquica. Blondel salienta esse aspecto espacial porque supõe nele o fundamento da estrutura subjetiva cindida, em ambos os autores. No entanto, J. Y. Tadié parece responder a essas questões: "O inconsciente a que se refere nada tem de freudiano, é o resíduo invisível do tempo, quando o herói esquece sua história, como uma aranha esqueceria o fio que secreta" (Tadié, 1971, p. 114).

Justamente nesse ponto é que podemos visualizar a diferença mais significativa entre Sigmund Freud e Marcel Proust, pois não há neste uma tematização do recalque, eixo da teoria freudiana e função originária do inconsciente. Para o narrador proustiano da *Recherche*, as múltiplas

menções ao inconsciente remetem a um tempo perdido pelo sujeito, àquilo que foi esquecido; isso que parece adquirir certo nível de formalização na sua teoria estética do último volume intitulado *O tempo redescoberto*, em que o inconsciente é definido como o tempo do esquecimento. Segundo Roudinesco (2012):

[...] as diferenças permanecem. Para Freud, o inconsciente é estruturado como um sistema de representação regido por leis precisas: condensação, deslocamento, simbolização. Ele busca decifrar os enigmas do discurso, interpretar os sintomas como signos de conflitos psíquicos. Proust, ao contrário, deixa o mistério em suspenso, cultiva a ambiguidade, a polissemia, o fragmento. Ele não interpreta, mas contempla; não cura, mas transfigura.

Em Freud, a "doutrina" do recalque é o pilar fundamental sobre o qual se eleva o edifício da psicanálise (Freud, 1995, p. 53). Na teoria freudiana, o recalque é uma operação fundamental; denominada, em alguns momentos de sua obra, o "modelo de defesa do eu". A divisão do sujeito é produto do "recalque" (*Verdrängung*), das representações psíquicas (conceito cuja fixação fez possível a psicanálise). Essa teoria estava bem-estruturada em 1915, quando também aparece *O inconsciente* (*Das Unbewusste*) (Freud, 1995). Freud definia já o recalque como essencial no processo que se efetua sobre as representações, sendo

uma "fronteira" entre a consciência e o inconsciente: dentro de uma exposição positiva Freud enuncia como o resultado da psicanálise que, um ato psíquico em geral atravessa por duas fases, entre as quais opera um seletor, uma censura; na primeira fase é inconsciente; se a censura o rejeita, nega a passagem para a segunda fase, tornando-se reprimido [*verdrängt*] e precisa permanecer inconsciente [*muss unbewusst bleiben*].

Esse processo de seleção efetuado pela censura, que atravessa os atos psíquicos, constitui a estrutura profunda da subjetivação humana, um sujeito cindido. Na ficção proustiana os esforços que o narrador realiza ao pensar os estados de consciência e os diversos eus apontam, ainda mais, como encontramos em *A prisioneira* (López Gallucci, 2008) para mecanismos de captura e ressignificação de experiências privilegiadas de percepção sensível.

A relação entre Proust e Freud pode ser produtiva em um sentido diferente, enquanto conseguirmos deslocar nosso olhar da tese da influência. Em uma entrevista, Lefèvre pergunta a Rivière se Proust conheceu efetivamente Freud; eis a resposta:

[Rivière]: - Apenas no nome; acho que posso dizer que ele [Proust] nunca leu uma linha de suas obras.

[Lefèvre]: - Você vê, no entanto, pontos de contato entre as duas obras?

[Rivière]: - Certamente, muito numerosos e muito importantes. Primeiro, Proust aplicou instintivamente o método definido por Freud: para usar uma frase de Stendhal, que Henri Pourrat me lembrou recentemente, Proust tinha "o gênio da suspeita" (*le génie du soupçon*). O Prisioneiro, que será publicado nos próximos dias, mostrará a que grau verdadeiramente trágico essa faculdade se desenvolveu nele. Foi ela quem permitiu a mais nua, a mais clara, a mais despojada das ilusões, a mais profunda descrição que jamais se deu do coração humano [...] (Rivière, 1926, p. 23).

Para Rivière é impossível sustentar a tese da influência de Freud sobre Proust. Aquilo que se destaca, tanto na obra de Freud quanto na de Proust, é a capacidade de estabelecer uma forte "suspeita", ao ponto de ser entendida como um método de aproximação ao aparelho psíquico. Suspeita-se dos mecanismos inconscientes que operam no sujeito, produtos de uma divisão originária. Na *Recherche* proustiana essa suspeita é revelada cabalmente e por extenso no romance *A prisioneira*. Seu narrador expõe de maneira ficcional a crise de um sujeito que estreita laços entre seus diversos eus. A crise de todas as garantias exteriores, das razões, dos valores sociais e do gênero levam o narrador, de modo trágico, até o limite de si. A cultivar, mas também a duvidar de si: pois ele descobre, através

de associações, que sua memória muda e que novas certezas surgem dentre as trevas das lembranças [intrínsecas ao enredo da obra].

O narrador assume, no limiar do eu, uma experiência que, por momentos, parece reduzi-lo a um ser de percepção de estados externos e internos, reduzi-lo ao um corpo que fala.

Por enquanto, salientamos que Rivière foi um dos poucos contemporâneos de Proust que, conhecendo a teoria freudiana, situou a possibilidade de pensar ambos os autores a partir do romance *A prisioneira*.²² Isso estabelece um ponto de partida diferencial entre seus argumentos e os dos demais críticos, que tomam a obra de Proust como um todo homogêneo. Contudo, segundo Rivière, a ficção proustiana inaugura uma concepção radicalmente diferenciada do psíquico e da marca, como aponta A. Henry, nesse mesmo sentido, uma "révolution romanesque" (Henry, 2000, p. 3). Em *A prisioneira*, o "eu" transcende a curiosidade moderada e eleva-se até uma desesperadora suspeita; o herói ocioso – isolado do mundo (Henry, 2000, p. 17-18) é produtor de um novo saber, em termos freudianos, uma resignificação. Há uma psicologia na ficção proustiana; essa maneira como o narrador dota de novo sentido os atos, as conversas, os ruídos e a música

do passado no presente do herói. Uma psicologia funciona como fundamento das relações que se estabelecem no interior do romance: assim como são analisados os personagens em relação aos seus atos, o narrador de *A prisioneira* também se pensa em suas associações. Ele se coloca para ser pensado à luz do presente e do passado e, nesse pensar-se, ele desconfia: "[la] psychologie [de Proust] est fondée sur la défiance envers le moi [...]" (Rivière, 1985, p. 192).

M. Bowie (1988) defende que as ideias de Freud sobre o inconsciente, a memória e o desejo, foram antecipadas por Proust; fundamentalmente os afetos reprimidos e o papel dos sonhos; apesar da ambiguidade literária e a falta de sistematização. Salienta que literatura e psicanálise não seriam campos paralelos, mas ousadias que se interrogam mutuamente. Aproximando, ainda mais, Proust com Lacan, Bowie chama a atenção sobre a concepção de que o inconsciente esteja estruturado como uma linguagem e que o sujeito é sempre dividido e faltoso em relação a um objeto causa de desejo. Segundo Roudinesco (2012),

Freud partiu da medicina para chegar à literatura. Proust, da literatura para a introspecção. No entanto, as duas trajetórias se cruzam: o primeiro se torna escritor ao descrever o psiquismo, o segundo se faz analista ao

²² Encaminhamos nossa pesquisa nesse sentido (López Gallucci, 2008).

dissecar suas emoções. Freud fundou uma disciplina – a psicanálise – que, ultrapassando a medicina, tocava a antropologia, a arte, a religião. Proust, ao reinventar o romance, transformou a narrativa em reflexão filosófica sobre o tempo e o ser.

Neste artigo, partimos da concepção de sujeito dividido na ficção proustiana e na teoria freudiana, observando o conceito de verdade que ambos os autores perseguem; essa verdade que não depende da lógica da consciência e que é possível acessar apenas por vias indiretas. Segundo a teoria psicanalítica freudiana, trata-se da verdade ligada a um desejo inconsciente do sujeito, acessível através do trabalho de análise psíquica e da interpretação; na *Recherche* proustiana, essa verdade subjetiva

remete à Literatura. O herói descobre sua vocação de escritor e o “livro a vir” estará constituído apenas de “rastros de experiências verdadeiramente vividas”, modelos da que M. Proust nomeia a “verdadeira realidade”. A busca da verdade, para o narrador proustiano, demanda uma leitura de si, mas essa leitura deverá ser *à contre sens*; uma tradução das impressões inconscientes (em sentido proustiano) constituídas de vestígios de memória esquecidos e que compõem um texto ao avesso, um conjunto de letras a serem lidas, um material latente. Acreditamos que dentro da série de romances que compõem *À la recherche du temps perdu*, o narrador de *A prisioneira* será o mais ousado e quem assume mais plenamente a tarefa.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Y dos. *Marcel Proust e a imprensa da Belle Époque: ethos, poética e imaginário midiáticos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015 (doutorado em Letras).

AZAM, É. *Hypnotisme, double conscience et altérations de la Personnalité*. Paris: L'Harmattan, 2004 (com prefácio de Charcot).

BALLET, G. et PROUST, A. *L'hygiène du neurasthénique*. Paris: Masson, 1897.

BERGSON, H. *Œuvres*. Paris: PUF, 2001.

BINET, A. *Les altérations de la personnalité*. Paris: Alcan, 1892.

BIZUB, E. *Proust et le moi divisé*. Paris: Droz, 2006.

BOGOUSLAVSKY, J. "Marcel Proust's Lifelong Tour of the Parisian Neurological Intelligentsia: From Brissaud and Dejerine to Sollier and Babinski". In: *European Neurology*. Basel, 2007. v. 57, n. 3, pp. 129-136.

BOWIE, M. Freud, Proust et Lacan. La théorie comme fiction. Paris: Denoël, 1988.

BLONDEL C. A. La psychographie de Marcel Proust. Paris: Vrin, 1932.

BREUER, J. e FREUD, S. "Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos". In: FREUD, S. *Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria* (1893-1905; em coautoria com J. Breuer). São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 19-28.

CAMUS, J.; PAGNIEZ, P. *Isolement et psychothérapie. Traitement de l'hystérie et de la neurasthénie pratique de la rééducation morale et physique*. Paris: Alcan, 1904.

CARROY J. "Le rappel des personnalités anciennes par suggestion". In: *Champ psychosomatique*. Grenoble, 2001. n. 21, p. 9-24.

CZONICZER, E. *Quelques antécédents de À la recherche du temps perdu*. Tendances qui peuvent avoir contribué à la cristallisation du roman proustien. Paris: Minard, 1957.

DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DESCOMBES, V. *Proust, philosophie du roman*. Paris: Minuit, 1987.

DUBOIS, P. *Les Psychonévroses et leur traitement*. Paris: Mason, 1904.

FELMAN, S. *O escândalo do corpo falante: Don Juan com Austin, ou a sedução em duas línguas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

FREUD, S. Las neuropsicosis de defensa. In: *Obras completas, volume III* (1893-99: Primeras publicaciones psicoanalíticas). Buenos Aires: Amorrortu, 2002, p. 47-61.

FREUD, S. *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, S. Lo inconsciente. In: **Obras completas, volume XIV** (1914-16: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, Trabajo sobre metapsicología y otras obras). Buenos Aires: Amorrortu, 1995, p. 153-201.

FREUD, S. "A hereditariedade e a etiologia das neuroses". In: **Obras completas, volume 3: Primeiros escritos psicanalíticos** (1893-1899). São Paulo: Companhia das Letras, 2023, p. 139-158.

FREUD, S. **Obras completas, volume 11: Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e Outros Textos** (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. e BREUER, J. "Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos". In: **Obras completas, volume 2**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 15-28,

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GENETTE, G. **Recherche de Proust. La question de l'écriture**. Paris: Seuil, 1980.

GENETTE, G. **Figures II**. Paris: Seuil, 1969, p. 223-294 ("Proust et le langage indirect").

HARTENBERG, P. La névrose d'angoisse In: **La presse médicale**. Paris, 03/11/1907.

HENRY, A. **La tentation de Marcel Proust**. Paris: PUF, 2000.

JANET, P. La psycho-analyse. In: **Journal de Psychologie Normale et Pathologique**. Paris, 1914. v. 11, p. 1-36.97-130.

JANET, P. **Les obsessions et la Psychasthénie**. Paris: Alcan, 1907, v. 1.

LANDY, J. **Philosophy as fiction: Self, Deception and Knowledge in Proust**. Oxford: Oxford University, 2004.

LOPEZ GALLUCCI, N. M. Ruídos, rumores e vozes da linguagem em Freud e Proust. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008 (doutorado em Filosofia).

LOPEZ GALLUCCI, N. M. "O diapasão da lembrança em A prisioneira de Marcel Proust". In: DAMIÃO, C. M.; SILVA, G. Confluindo tradições estéticas. Goiânia: Ricochete, 2016, p. 149-166.

MAEDER, A. "Essai d'interprétation de quelques rêves". In: Archives de Psychologie. Genève, 1907. v. VI, n. 24, p. 354-375.

MILLER, M. L. Nostalgia. A Psychoanalytic Study of Marcel Proust. Boston: Houghton Mifflin, 1956.

MILLY, J. Proust et le style. Paris: Minard, 1970.

MULLER, M. Les voix narratives dans la Recherche du temps perdu. Genève: Droz, 1983.

NASSIF, J. Freud, l'inconscient. Paris: Flammarion, 1977.

PAINTER, R. M. Proust. Paris: Mercure de France, 1965.

PARVILLE, H. "Mouvement Scientifique". In: Les annales politiques et littéraires. Paris, 16/02/1890, p. 109-110.

PECHENARD, C. Proust et son père. Paris: Quai Voltaire, 1993.

PICHON, E. "Eugénie Sokolnika (1884-1934)". In: Revue Française de Psychanalyse. Paris, 1934. t. 7, v. 4, 1934, p. 590-603.

PITRES, A. REGIS, E. Les obsessions et les impulsions. Paris: Doin, 1902.

PROUST, A. "Cas curieux d'automatisme ambulatorio chez un hystérique". In: La Tribune Médicale, Paris, 27/03/1890. n.13, p. 202-203.

PROUST, A. & BALLEST, G. L'Hygiène du neurasthénique. Paris : Masson, 1897.

PROUST, M. Correspondance générale III, 1930-1936. Paris: Plon, 1977.

PROUST, M. *Contre Sainte-Beuve précédé de Pastiches et Mélanges et suivi de Essais et Articles*. Paris: Gallimard, 1971.

PROUST, M. No caminho de Swann. In: *Em busca do tempo perdido* (v. 1). Rio de Janeiro: Globo, 1989.

PROUST, M. A Prisioneira. In: *Em busca do tempo perdido* (v. 5). Rio de Janeiro: Globo, 1989.

PROUST, M. O tempo redescoberto. In: *Em busca do tempo perdido* (v. 7). Rio de Janeiro: Globo, 1989.

PROUST, M. *Matinée chez la Princesse de Guermantes*. Paris: Gallimard, 1982.

RIBOT, T. *Les maladies de la personnalité*. Paris: Alcan, 1897.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. "Freud e Proust, un parallèle impressionante". In: *Le Monde*, Paris, 07/06/2012.

SAMSON, W. *Vidas literárias. Proust*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOLLIER, P. *Les troubles de la mémoire*. 2 ed., Paris: Rueff, 1901.

SOLLIER, P. *L'hystérie et son traitement*. Paris: Alcan, [1901], 1914.

SOLLIER, P. *Les phénomènes de l'autoscopie*. Paris: Alcan, 1903.

SOUPAULT, R. *Marcel Proust du côté de la médecine*. Paris: Plon, 1967.

TADIÉ, J.-Y. *Proust et le roman*. Paris: Gallimard, 1971.

TADIÉ, J.-Y. *O lago desconhecido: entre Proust e Freud*. Porto Alegre: L&PM, 2017.

TAINE, H. *De l'intelligence*. Paris: Hachette, [1870] 1892.

RIVIÈRE, J. Quelques progrès dans l'étude du cœur humain: Freud et Proust. Paris: Gallimard, 1985 (Cahiers Marcel Proust, 13).

WILLEMART, P. Proust, poeta e psicanalista. São Paulo: Ateliê, 1999.

WILLEMART, P. Crítica genética e psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2005.

WILLEMART, P. À la découverte des sensations dans *La Prisonnière*. Paris: L'Harmattan, 2007.

ZILBOORG, G. "The discovery of the Oedipus Complex". In: *The Psychoanalytic Quarterly*. New York, 1939, v. VIII, n. 3, p. 279-302.

O Toro – Escola de Psicanálise, fundado em 1996 por alguns analistas e interessados na psicanálise, reescrevendo seu projeto permanentemente, celebra sua história sustentando seus fundamentos, condição para que ela prossiga e se represente no que há de partilhável, no consenso e no dissenso, articulado na escrita, um a um, que resulta da leitura e do estilo daqueles que teceram este encadeamento.

Antígona, publicação do Toro, é um dispositivo de transmissão dos efeitos dessas preocupações, desse esforço e desse compromisso em nossa Escola.

